

Práticas de sensibilização à diversidade linguística e cultural nos primeiros anos de escolaridade: reflexões a partir da sala de aula

Susana Sá¹

susanasa@ua.pt

Centro de Investigação em Didáctica e Tecnologia e Formação de Formadores (CIDTFF)
da Universidade de Aveiro

Ana Isabel Andrade

aisabel@ua.pt

Centro de Investigação em Didáctica e Tecnologia e Formação de Formadores (CIDTFF)
da Universidade de Aveiro

Resumo

Integrar a diversidade e o pluralismo na educação nunca foi uma realidade tão premente como nos dias actuais em que os fluxos migratórios e o fenómeno da globalização exigem a convivência entre formas de ser e estar muito diferentes. Sobre a educação recai a responsabilidade de acolher toda esta diversidade e de preparar os alunos para viver com o Outro de forma harmoniosa e salutar.

Neste quadro, apresentamos alguns projectos de investigação-acção realizados com alunos do 1º Ciclo do Ensino Básico sobre a diversidade linguística e cultural, tecendo algumas considerações sobre as potencialidades desta abordagem nos primeiros anos de escolaridade, essencialmente no que diz respeito às temáticas a trabalhar no currículo.

Palavras-chave

diversidade linguística e cultural, educação para o desenvolvimento sustentável, currículo

Abstract

Integrating diversity and pluralism in education has never been such an important reality as it is nowadays in which migration flows and globalisation demand that we build relationships between different ways of being. Education has the responsibility to integrate all this diversity and prepare pupils to live with Otherness in a harmonious way.

Hence, we present some studies carried out with Primary School children about cultural and linguistic diversity and reflect on how this topic can be dealt with in early years of schooling, particularly about the topics to work in the curriculum.

Keywords

linguistic and cultural diversity, education for a sustainable development, curriculum

Introdução

Inserir a diversidade linguística e cultural nas práticas curriculares parece ser, cada vez mais, um caminho a percorrer e para tal concorrem dois motivos fundamentais: por um lado, a crescente mobilidade humana; por outro, a necessidade de preparação para uma comunicação global, preocupação inscrita nas recomendações do Conselho da Europa apostando-se na promoção do plurilinguismo como valor e como competência (Conselho da Europa, 2001; Beacco & Byram, 2003).

Acredita-se, nesta linha, que as abordagens plurais favorecem a educação para a cidadania, podendo combater atitudes etnocêntricas e sendo capazes de motivar os aprendentes para outras formas de expressão, desenvolvendo neles competências variadas tais como a metalinguística, a comunicativa, a plurilingue e a intercultural. Assim, o plurilinguismo, traduzido na capacidade para interagir com outras culturas e comunicar em outras línguas, traz aos sujeitos novas formas de socialização, preparando-os para enfrentar os desafios das sociedades modernas, da globalização, do contacto entre culturas (Conselho da Europa, 2001).

¹ Bolseira de doutoramento financiada pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (ref.^a SFRH/BD/27943/2006)

Reportando-nos às palavras de Ferrão-Tavares “Aprender uma língua estrangeira é fazer uma viagem ao estrangeiro. Viajamos para um destino que escolhemos, encontramos alguns obstáculos, avançamos, perdemo-nos, encontramos locais que não estavam no itinerário traçado, outros motivos de interesse...” (2002).

Assim, propomo-nos, neste texto, numa primeira parte, apresentar algumas recomendações para uma educação para a diversidade linguística e cultural, reflectindo sobre um currículo, do 1º Ciclo do Ensino Básico (CEB) que atenda e promova a diversidade. Numa segunda parte pretendemos fazer uma “viagem” através de alguns projectos de sensibilização à diversidade linguística e cultural (SDLC) desenvolvidos nos primeiros anos de escolaridade que nos permitem compreender melhor como se pode promover a diversidade e quais as potencialidades que daí advém.

A diversidade linguística e cultural que caracteriza, cada vez mais, as nossas escolas deve e pode ser vista como uma riqueza, que encerra uma viagem sobre o mundo e sobre o Outro, representando diferentes modos de agir, de representar, de comunicar e de ser. É a partir desta convicção e sobre ela que damos início à nossa viagem pelas práticas de sensibilização à diversidade linguística e cultural nos primeiros anos de escolaridade a partir da sala de aula.

1 Um currículo para a diversidade

A diversidade dos públicos escolares a nível linguístico, cultural, social, entre outras, aponta para a necessidade de um currículo multicultural que seja humanista e que apele para o respeito, a tolerância e a convivência pacífica entre as diferentes culturas. Assim, percebe-se, hoje, como necessário, organizar o currículo no sentido de uma pedagogia diferenciada já que a igualdade de oportunidades não pode ser obtida com um currículo homogéneo. Mas o que se entende por um currículo para a diversidade?

De uma forma simplista, podemos dizer que um currículo que atende e valoriza a diversidade deve ser um currículo que se focalize, entre outros, nas línguas e culturas das crianças presentes na turma (cf. Abdallah-Pretceille, 2006). Neste quadro pretende-se que as crianças tomem consciência dos seus próprios valores e dos valores dos outros, aprendam a apreciar a(s) cultura(s) dos outros, desconstruindo estereótipos e diminuindo a discriminação a que, tantas vezes, as crianças são sujeitas nas escolas. Por outras palavras, podemos dizer que, num currículo organizado na e para a diversidade, se procura que as crianças desenvolvam atitudes de abertura e de respeito, vontade de conhecer o Outro e de participar em intercâmbios linguísticos e culturais, preparando-se para virem a ser cidadãos comprometidos em aprender a viver juntos (cf. Delors, 1996). Só desta forma, a educação pode contribuir para uma cultura da inter-relação e, conseqüentemente, da paz, como grande valor.

Assim, o desenvolvimento da competência plurilingue e intercultural deverá ser também uma preocupação no 1º CEB, procurando: por um lado, desenvolver nos sujeitos a disponibilidade e a capacidade de contacto com outros indivíduos linguística e culturalmente diversos; e, por outro, promover no sujeito, a partir da relação com a diversidade, a tomada de consciência crítica de si mesmo e dos outros (Coste, Moore & Zarate, 1998; veja-se ainda o trabalho realizado pelo Lale²).

Alguns estudos apontam para a necessidade da escola transportar para os alunos preocupações e conhecimentos acerca da relação entre a diversidade linguística e a diversidade biológica no âmbito de uma educação para o desenvolvimento sustentável (Gadotti, 2000; Maffi, 2001; Zaragoza, 2001). Veja-se neste âmbito o trabalho desenvolvido, entre nós, por Sá (2007) e Sá & Andrade (2008a) que problematizam esta questão a partir de um projecto de sensibilização à diversidade linguística e cultural no âmbito de um desenvolvimento sustentável, implicando uma organização flexível e dinâmica do currículo. Um currículo que valorize a diversidade (nas suas variadas formas) deverá ser guiado pela lógica de interdisciplinaridade promovendo a educação para a cidadania num mundo que se quer mais sustentável. A escola deve tornar-se não só um espaço de compreensão, respeito e aceitação das diferenças entre os vários falantes provenientes de culturas diversas, mas também um espaço onde se reflecta e se alerte para a necessidade de articular as diferentes formas de diversidade (Sá & Andrade, 2008b).

² O LALE, Laboratório Aberto para a Aprendizagem de Línguas Estrangeiras, é uma estrutura de investigação e formação da Universidade de Aveiro criada em Outubro de 1999, financiada pelo CIDTFF e que procura intervir ao nível da educação em línguas.

Sensibilizar para a diversidade linguística e cultural, no quadro de uma educação para o desenvolvimento sustentável, é partir do pressuposto que respeitar e conhecer os Outros e o Ambiente numa lógica de correlação e interdependência, é eleger o tratamento da diversidade como um pilar para a construção de um futuro. Lembremos que ensinar qualquer disciplina é um acto linguístico, não apenas porque todas as disciplinas são, em sentido próprio, linguagens, mas também porque a linguagem é a própria matéria da educação, “Todo/a professor/a é assim um/a profissional da linguagem” (Carvalho, 2000: 7). Ao considerar a linguagem como um elemento essencial ao desenvolvimento humano torna-se necessário que todo o processo de ensino/aprendizagem proporcione situações para o seu uso frequente pois ele é também um elemento estruturador dos esquemas cognitivos do aprendente (Carvalho, 2000). Acreditamos que é pela e através da linguagem, pelas diferentes linguagens, que o indivíduo assume o seu papel activo e crítico enquanto cidadão do mundo. Só através da linguagem ele tem conhecimento do mundo, dos seus problemas, das desigualdades, dos problemas ambientais, sociais económicos e políticos. Só através dela pode formar uma opinião crítica e consciente sobre a situação de emergência do mundo actual e só através dela pode intervir conscientemente na sociedade de forma a torná-la mais justa e sustentável sob o ponto de vista social, cultural, ambiental e económico (UNESCO, 2004). Foi acreditando que é necessário que os alunos sejam preparados para agir pela e na linguagem e em e para diferentes linguagens, numa educação capaz de preparar os alunos para conviver de forma salutar com o Outro e com o Planeta, que se desenvolveram os projectos de sensibilização à diversidade linguística e cultural que passamos a apresentar.

2 Projectos de sensibilização à diversidade linguística e cultural: a voz dos alunos

Como anteriormente referimos, os projectos que apresentamos foram realizados por alunos da Licenciatura em Ensino Básico – 1º Ciclo no seu ano de estágio. É de salientar que a maioria destes alunos frequentaram, no 3º ano do curso, a disciplina semestral de opção “Ensino Precoce de Línguas Estrangeiras”, onde reflectiram sobre a importância de sensibilizar para a diversidade linguística e cultural e construíram alguns recursos didácticos para implementar esta metodologia nos primeiros anos de escolaridade.

O trabalho desenvolvido no ano de Prática Pedagógica desenvolveu-se sob a forma de investigação-acção e resultou na elaboração de uma monografia que inclui suportes didácticos de sensibilização à diversidade linguística e cultural (confrontar corpus analisado).³ Os projectos desenvolvidos tentaram promover uma articulação entre as diferentes áreas curriculares do 1º CEB, disciplinares e não-disciplinares, procurando fomentar a interdisciplinaridade. A sua construção baseou-se na promoção do desenvolvimento de competências gerais, entre elas a competência comunicativa, a competência plurilingue, a competência intercultural, a competência de realização, a competência existencial e a competência de aprendizagem, conforme são apresentadas pelo Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas (2001). Tendo como intenção o desenvolvimento destas grandes competências, foram definidos objectivos mais específicos, tais como:

- valorizar a diversidade linguística e cultural do mundo de hoje;
- desenvolver um espírito crítico e aberto em relação aos outros povos, línguas e culturas;
- valorizar as crianças alófonas, promovendo a sua integração;
- desenvolver a reflexão sobre a linguagem verbal, levando à compreensão dos fenómenos de contacto de línguas;
- desenvolver conhecimentos sobre problemas ambientais e ecossistemas ameaçados no Planeta.

As actividades promovidas foram várias, de entre as quais, salientamos a audição de histórias, canções e palavras em diferentes línguas, a observação e identificação de enunciados escritos em diferentes línguas, a exploração de jogos de tabuleiro, a realização de trabalhos de pesquisa em grupo, a realização de fichas de trabalho individuais, a visualização e discussão de PowerPoints e dramatizações.

Nestes projectos, privilegiou-se um trabalho diversificado com línguas em vias de extinção e com línguas minoritárias, na ideia de que o contacto com todas as línguas permite que os alunos se descentralizem da sua língua materna e do inglês (língua a que são naturalmente expostos por diversos meios) e reconheçam a riqueza que existe em conhecer outras línguas mais ou menos distantes da sua língua materna.

³ Veja-se também a publicação ANDRADE, A. & MARTINS, F. (coord.). *Abordar as Línguas, Integrar a Diversidade nos primeiros Anos de Escolaridade*. Cadernos do LALE. Série propostas. Aveiro: Universidade de Aveiro, onde são apresentados (em suporte papel e digital) materiais de sensibilização à diversidade linguística e cultural para os primeiros anos de escolaridade.

Para a recolha de dados os instrumentos privilegiados foram os questionários, as entrevistas e a observação directa das diferentes sessões através da sua videogravação. A análise de dados aqui apresentada foi essencialmente uma análise de conteúdo de entrevistas, questionários e fichas de trabalho passadas aos alunos questionários

Os projectos desenvolvidos organizaram-se em torno de quatro grandes temáticas: emigração e integração; histórias das línguas; diversidade linguística e cultural; e desenvolvimento sustentável.

2.1 Emigração e integração

De acordo com o PNUD, 1 em cada 35 habitantes da Terra é um migrante internacional, chegando a ser 1 em cada 12 habitantes dos países desenvolvidos (2004). Em Portugal, de acordo com os dados revelados pelo ACIDI, em 2007, o número de imigrantes legais representava cerca de 4.1% da população portuguesa, num total de 435.736 pessoas (<http://www.acime.gov.pt>).

Estes dados alertam-nos para o facto de que, num mundo tão diversificado social, linguística e culturalmente, é necessário não só preservar e valorizar a diversidade, como adoptar uma atitude de (inter) compreensão, num clima de partilha e de respeito pelo Outro.

Acreditamos que a SDLC se pode constituir como um meio de desenvolver, nas crianças, a capacidade de valorização de contactos com outras línguas, povos e culturas, na construção de um caminho de abertura, de tolerância e de celebração perante a diferença.

A globalização e a migração são factores que justificam a importância da sensibilização às línguas e às culturas nos primeiros anos de escolaridade, dada a oportunidade que abre de os alunos se consciencializarem da diversidade linguística e cultural e de (re)conhecerem a importância da(s) sua(s) própria(s) língua(s) e cultura(s) e da(s) língua(s) e cultura(s) do Outro (Martins, 2008).

Os projectos, que tiveram como premissa a valorização de outras línguas e culturas, permitiram que os alunos reconhecessem a necessidade de valorização das línguas e culturas diferentes, no desenvolvimento de atitudes de respeito e de curiosidade em relação à diversidade, tal como é visível nos testemunhos das crianças: “Nós já vamos ver a diversidade de línguas e culturas com muito respeito.” (4º ano); “Devemos respeitar as outras pessoas por serem diferentes.” (4º ano); “É importante conhecer outras culturas porque é importante conhecer as tradições de outros países.” (4º ano); “Para conhecer uma nova comunidade, novos modos de vida, outra língua.” (3º ano); “Podemos ser amigos de meninos de outras línguas” (1º ano).

2.2 Histórias das línguas

Se é verdade que a linguagem (oral e escrita) é um produto da evolução da espécie humana, não é menos verdade que é também factor e motor do seu desenvolvimento. Através dela expressamos a nossa identidade, cooperamos, trocamos experiências, representamos simbolicamente o real, transferimos a informação de e para outros tempos e lugares, “A linguagem é, portanto, um meio de conhecer, de organizar e até de controlar a realidade; por seu intermédio formatamos experiências, pensamentos e emoções, acedemos ao poder, exercemo-lo e partilhamo-lo, ao mesmo tempo reclamamos direitos” (Sim-Sim, 1998: 30).

O desenvolvimento das sociedades tem evidenciado uma necessidade cada vez maior de o Homem se constituir como um verdadeiro e perfeito comunicador. De facto, o Homem não pode ignorar o poder económico e social que o domínio da linguagem lhe dá e não pode deixar de investir no desenvolvimento desse domínio, apostando num incremento da literacia dos sujeitos. Desta forma, importa preparar os alunos para o livre exercício da cidadania de tal forma que sejam capazes de lidar com os actuais contextos vivenciais, permitindo-lhes gerir o seu presente e projectar o seu futuro como cidadãos realizados e conscientes (Banks, 2004), o que apenas podem fazer pela participação nas mais variadas situações de comunicação.

Acreditamos, por isso, que a sensibilização para a diversidade linguística e cultural promove, desde cedo, nos alunos, o desenvolvimento de competências de reflexão, de questionamento e de interpretação dos problemas sociais, económicos e ambientais, na e através da linguagem.

Partilhando esta linha de pensamento, Deborah Cameron afirma que no cerne da educação deveriam estar questões sobre a linguagem., “Ser educado/a na nossa sociedade, e talvez, em todas as sociedades, é ter acesso aos recursos linguísticos de uma cultura: é sentir-se à vontade com eles, é ter consciência do seu potencial, é, num certo sentido, controlá-los para os fins que a própria pessoa escolher. Uma educação que não reflecta sobre a linguagem e sobre a nossa relação com ela, dificilmente merecerá o nome de educação” (tradução nossa, 1989).

Os projectos de SDLC desenvolvidos tentaram proporcionar aos alunos o desenvolvimento da linguagem. Através do contacto com diversas línguas, com os processos de comparação e de transferência entre línguas (língua materna e línguas estrangeiras) os alunos compreenderam melhor a organização das línguas, a sua diversidade e a sua importância como se pode ver nos seguintes excertos: “Somos falantes Romanófonos porque conseguimos traduzir os textos das línguas Francês, Italiano, Romeno e Espanhol porque são da mesma família” (4º ano); “Há muitas pessoas que não escrevem da mesma maneira que nós” (1º ano); “Aprendi que as línguas são diferentes da minha, mas que todas servem para comunicarmos uns com os outros” (1º ano).

2.3 A diversidade linguística e cultural: funções, estatutos e características das línguas

A razão de acreditarmos no poder da diversidade linguística é que, através dela, a criança pode cultivar-se e reconstruir-se, na interacção com outras formas de ver o Mundo.

É necessário, então, despertar a curiosidade da criança face a essa mesma diversidade, valorizando a riqueza dos contactos com as outras línguas, povos e culturas, motivando para a aprendizagem das línguas em geral e para a aceitação do outro. Importa, nesta linha, ter em mente que o contacto entre falantes com línguas diversas é vantajoso para o reconhecimento da identidade linguística de cada um e para o seu desenvolvimento cognitivo e emocional (PNUD, 2004).

Julga-se, desta forma, que o trabalho com a diversidade consciencializa os alunos para o facto de as diferentes línguas assumirem estatutos distintos devido a uma série de condicionantes sociais e culturais que o determinam. Lembremos que a desigualdade entre as línguas resulta, também, da ideia incorrecta de que existem línguas melhores, mais úteis e mais desenvolvidas que outras, ideia que se associa ao desenvolvimento das sociedades, do ponto de vista económico, social e político (Cabrera, 2004). Deste modo, interessa que os alunos reconheçam que, independentemente das funções que as línguas cumprem no desenvolvimento e na vida dos sujeitos, dos seus estatutos, a valorização do contacto com diferentes línguas e culturas é imprescindível na construção de cada um e de sociedades mais respeitadoras.

A aprendizagem linguística enriquece culturalmente, pelo desenvolvimento da literacia de base e das capacidades de comunicação e proporciona uma maior criatividade dos indivíduos, representando vantagens a nível político e económico. Assim, a introdução das línguas no currículo escolar tem implicações nas aprendizagens das restantes áreas do conhecimento (Gaonac’h, 2002). Ou seja, a SDLC deve ser tida como mais um instrumento de acesso ao conhecimento e de desenvolvimento global e harmonioso da criança.

De acordo com Candelier, a SDLC procura ter efeitos positivos em três grandes dimensões, as quais, no nosso entender, se devem constituir como a base de uma educação para a diversidade:

A o nível das representações e atitudes face às línguas;

B o nível das capacidades de ordem metalinguística e metacognitiva (observação e raciocínio);

C o nível do desenvolvimento de uma cultura linguística (saberes relativos às línguas) (2000).

Sintetizando, podemos dizer que a SDL contribui para o desenvolvimento de aptidões cognitivas, estéticas, sensório-motoras, sociais e afectivas (Ferrão-Tavares et al, 1996; Strecht-Ribeiro, 2002; Martins, 2008). Neste sentido, a diversidade linguística e cultural pode contribuir para a aquisição de saberes, desenvolvimento de atitudes e promoção de valores, na assunção plena de que uma língua é um espaço potencial da expressão do EU. De acordo com Alarcão, é um direito de cidadania os indivíduos terem acesso a mais línguas do que a nativa e, deste modo, poderem agir em contextos comunicacionais alargados, “Como igualdade começa a ser aceite que cada pessoa possa exprimir-se na sua própria língua, ou naquela ou naquelas que melhor domina, aceitando-se o princípio da comunicação plurilingue coadjuvado pela vontade de intercompreensão” (2001: 54). As línguas e as culturas têm de ser vistas como novas formas de literacia decorrentes da vivência em sociedades cada vez mais diversificadas linguística e culturalmente.

Acreditamos, neste quadro, que acções de sensibilização à diversidade promovem a formação de cidadãos mais activos, despertos para a diversidade e respeitadores da diferença. Como se pode observar, nos testemunhos dos alunos abaixo apresentados, estes desenvolveram a sua cultura linguística (adquirindo alguns conhecimentos sobre as línguas) e reconheceram a importância do contacto de línguas no âmbito da comunicação alargada: “Fiquei a saber que a língua oficial de Marrocos é o árabe e que há línguas que se falam mas não se escrevem que são o Berbere e o Marroquino.” (3º ano); “ (...) e as línguas são importantes porque para quando fores a países para saberes falar com as pessoas desses lugares. Agora já sabes mais línguas e podes conhecer ainda mais pessoas” (3º ano).

2.4 Desenvolvimento sustentável

Em 2002, reconhecendo que o desenvolvimento sustentável é uma urgente necessidade social e ecológica e que a educação é, para tal, indispensável, a Assembleia Geral das Nações Unidas declarou a abertura da Década da Educação para o Desenvolvimento Sustentável nos anos de 2005-2014 e designou a UNESCO como a principal agência para sua promoção.

A Educação para o Desenvolvimento Sustentável é vista como um processo de "aprender para mudar", uma aprendizagem sobre como tomar decisões que considerem o futuro da economia, da ecologia e da igualdade de todas as comunidades a longo prazo (Tilbury & Podger, 2004). Segundo a UNESCO, a diversidade de ideias, existente através das diferentes línguas, é tão necessária como a diversidade de espécies e de ecossistemas para a sobrevivência da humanidade e da vida no nosso planeta (in PNUD, 2004).

Desta forma, vários foram os projectos que, a partir de uma educação para o desenvolvimento sustentável, promoveram o trabalho com a diversidade linguística, cultural e biológica, fomentando nos alunos uma consciência sobre a perda da diversidade na terra e sobre os problemas ambientais, como se pode ver nos seguintes testemunhos dos alunos do 1º CEB que participaram nestes projectos: "Temos que proteger as línguas para não desaparecerem e para os animais e plantas igual, porque podem entrar em vias de extinção e desaparecerem." (3º ano); "Afim! O mundo parece tão grande e é tão pequenino!" (1º ano) Apesar dos projectos desenvolvidos terem sido experiências exploratórias e de os dados deles decorrentes não terem sido analisados em profundidade (dado o contexto em que foram desenvolvidos), as vozes das crianças incentivam-nos a desenvolver no currículo do 1º CEB práticas integradas e integradoras de sensibilização à diversidade linguística e cultural.

Considerações finais

Após a apresentação dos diferentes projectos desenvolvidos e da análise dos testemunhos dos alunos sobre as potencialidades da sensibilização à diversidade linguística e cultural, partilhamos da opinião das professoras quando afirmam que "consideramos que a sensibilização à diversidade linguística não deve ser um elemento subsidiário do currículo principal do 1º Ciclo..." (Piedade, Agostinho & Cunha, 2007: 133). Estes projectos demonstraram claramente como se podem fazer articulações firmes, inovadoras e criativas entre a SDLC e as restantes áreas do currículo do 1º CEB.

Utilizando as palavras de Ferrão-Tavares "as línguas fornecem instrumentos para o tratamento de outras disciplinas... Decorre deste facto a sua inserção em espaços interdisciplinares" (1999: 89). Assim sendo, pensamos que estes projectos foram ao encontro desta perspectiva uma vez que, a partir do trabalho com a diversidade linguística e cultural se conseguiram criar espaços onde se promoveu uma educação linguística, uma educação para o desenvolvimento sustentável e uma educação para a cidadania, "E porque um currículo que contempla a aprendizagem das línguas estrangeiras nos níveis iniciais é, com certeza, um currículo inclusivo (...) temos de preparar as nossas crianças para um mundo em que a Literacia em Línguas Estrangeiras é cada vez mais importante", mais uma vez nas palavras dos professores que implementaram estes projectos (Gonçalves, Nunes & Castro, 2006: 148).

Os estudos apresentados sugerem, assim, e de modo claro, que, através da educação em e pelas línguas, é possível contribuir para a compreensão de que Ambiente, Economia, Sociedade e Cultura são esferas indissociáveis da vida humana, devendo ser abordadas de modo transversal e articulado, desde os primeiros anos de escolaridade.

Valorizar o plurilinguismo passa também pela integração da diversidade linguística no currículo, integração que não pode fazer-se através de uma simplificação ou de uma limitação do seu valor e riqueza. Por outras palavras, a valorização da diversidade linguística presente na escola não pode ser esgotada em festas ocasionais celebrando e divulgando línguas e culturas diferentes da portuguesa, ou apenas através da oferta de mais línguas estrangeiras numa perspectiva aditiva de currículo. A coerência no currículo envolve a criação e a manutenção de relações visíveis entre os objectivos e as experiências de aprendizagem quotidianas integradas em contextos que as organizam e articulam, sem o que o currículo se resume a pouco mais do que um conjunto de peças de um puzzle, superficiais, abstractas, irrelevantes e rapidamente esquecidas (Gonçalves, 2006).

O ensino de línguas no 1º CEB pode e deve abrir-se a uma sensibilização à diversidade linguística e cultural, numa consciencialização de que existem outras formas de comunicar, de ser e de estar, “No se pretende que el alumnado aprenda muchas lenguas (no es un método de aprendizaje de las lenguas) sino que busca un cambio de las actitudes y representaciones mentales del alumnado para que este abierto a la diversidad de lenguas y culturas a las que tendrá acceso en un mundo tan interconectado como el nuestro (Noguero & Vilà, 2001: 1).

Como nos mostram as vozes das crianças, timidamente afloradas neste texto, as temáticas que a sensibilização à diversidade linguística permite abordar (imigração e integração; histórias das línguas; funções, estatutos e características das línguas e desenvolvimento sustentável) devem ser exploradas em outros projectos de educação que aliem formação e investigação num processo de reflexão sistemática sobre estas questões nos primeiros anos de escolaridade.

Se uma língua é uma janela que nos permite ver o mundo, a diversidade linguística permitir-nos-á ver o mundo de múltiplas formas (Carneiro, 2001, Candelier, et al, 2004), possibilidade que não podemos deixar escapar nas sociedades actuais. É essa possibilidade que passa a ser um desafio à capacidade de formadores, investigadores, escolas e professores no sentido da educação para o contacto, a compreensão e a valorização de outras formas de ser, de estar e de falar.

Corpus analisado4

ANTUNES, P.; DIAS, C. & SÁ, S. (2004). Vem conhecer... a minha língua e os alfabetos.

BERNARDES, S.; SILVA, C. & SILVA, V. (2004). Viagens de palavras e histórias da língua.

GONÇALVES, A.; NUNES, A. & CASTRO, T. (2006). Preservação da diversidade linguística e biológica no pulmão do Mundo.

LOPES, E. & ALMEIDA, E. (2008). A diversidade linguística e o desenvolvimento da consciência fonológica.

MOURA, P.; QUEIRÓS, C. & SILVA, F. (2008). Sensibilização às línguas e culturas eslavas orientais.

PIEIDADE, M.; AGOSTINHO, S. & CUNHA, V.(2007). Ouvir os sons do Mundo – Compreender a sua Mensagem.

PINHO, A.; NASCIMENTO, E. & OLIVEIRA, V.(2006). Valorizar o mundo, valorizar o outro – vozes e histórias dos desertos.

RODRIGUES, V.; SILVA, S. & TOMÁS, C. (2007). Viver com o Planeta de A a Z – Os sistemas de Escrita na Sensibilização à Diversidade Linguística.

SÁ, F.; PEREIRA, J. & MOREIRA, S. (2007). Educação para a diversidade linguística e cultural – o papel da Intercompreensão na relação com o Mundo e com o Outro.

CARDOSO, P.; FERNANDES, A.; FRANSCISCO, A. & SOUSA, S. (2008). E se o dia de amanhã fosse hoje? Navegando rumo a uma vida, língua e cultura diferentes.

Bibliografia

ABDALLAH- PRETCEILLE, M. (2006). “Interculturalism as a paradigm for thinking about diversity” In Intercultural Education, Vol.17, nº 5, Dezembro de 2006, pp. 475-483.

ALARCÃO, I. (2001). Intercompreensão e cidadania europeia. Reflexões a propósito dos novos programas de Inglês para o ensino secundário. In Intercompreensão, n.º 9. Lisboa: Edições Colibri, pp. 53-63.

ANDRADE, A. & ARAÚJO E SÁ, M. H. (2003). Análise e construção da competência plurilingue – alguns percursos didácticos. In NETO, A. (Org). Didácticas e Metodologias de Educação – Percursos e Desafios. Évora: Universidade de Évora, pp. 489-506.

BANKS, J. (2004). Teaching for social justice, diversity and citizenship in a global world. In The Educational Forum. Vol. 68, pp. 289-298.

BEACCO, J-C. & BYRAM, M. (2002). Guide for the development of language education policies in Europe - from linguistic diversity to plurilingual education. Strasbourg: Language Policy - Division Council of Europe (Main Version).

GADOTTI, M. (2000). Pedagogia da Terra. São Paulo: Peirópois. (2ª edição).

CAMERON, D. (1992). Researching language : issues of power and method. London : Routledge.

4 Monografias apresentadas no âmbito da disciplina de Seminário Ensino Precoce de Línguas Estrangeiras sob a orientação de ANDRADE, ISABEL. Aveiro: Universidade de Aveiro. (Não publicadas).

- CANDELIER, M. (Ed). (2004). *Janua Linguarum – The gateway to languages. The introduction of language awareness into the curriculum: Awakening to languages.* Council of Europe Publishing.
- CARNEIRO, R. (2001). *Fundamentos da Educação e da Aprendizagem – 21 ensaios para o século 21.* Lisboa: FML
- CARVALHO, G. (2000). *Linguagem, poder, educação: o sexo dos B,A,BAs.* Lisboa: Comissão para a igualdade e para s direitos das mulheres.
- CONSELHO DA EUROPA (2001). *Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas. Aprendizagem, ensino, avaliação.* Porto: Edições ASA.
- COSTE, D.; MOORE, D. & ZARATE, G. (1998). *Compétence plurilingue er pluriculturelle.* Éditions du Conseil de l'Europe.
- DELORS, J. (1996). (Org.). *Educação um tesouro a descobrir. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI.* Porto: Edições ASA.
- FERRÃO-TAVARES, C; VALENTE, M & ROLDÃO, M. (1996). *Dimensões formativas de disciplinas do ensino Básico – Língua estrangeira.* Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- GADOTTI, M. (2000). *Pedagogia da Terra.* São Paulo: Peirópoéis. (2ª edição).
- GAONAC'H, D. (2002). "L'enseignement precoce des langues étrangères" In *Sciences Humaines*, nº 123, Janeiro de 2002.
- LAEVERS, F. (1994). (Ed.) *The Leuven Involvement Scale for Young Children LIS-YC.* Leuven: Centre for Experiential Education.
- MAFFI, L. (2001). (Org.) *On biocultural diversity: linking language, knowledge, and the environment.* Washington: Smithsonian Institution Press.
- MARINHO, M. (2004). *Sensibilização à Diversidade Linguística: que lugar nos currículos de formação inicial de professores do 1.º CEB? Aveiro: Universidade de Aveiro. Dissertação de Mestrado.*
- MARTINS, F. (2008). *Formação para a diversidade linguística: um estudo com futuros professores do 1º ciclo do ensino básico.* Tese de Doutoramento. Aveiro: Universidade de Aveiro.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (2001). *Currículo Nacional do Ensino Básico. Competências Essenciais.* Lisboa: DEB.
- NOGUEROL, A. & VILÀ, N. (2001). *El plurilingüismo, una via para el aprendizaje dela nueva ciudadanía (aprender lengua y otras cosas).* Barcelona: Projecto Ja-Ling.
- PNUD (2004). *Relatório do Desenvolvimento Humano. Liberdade Cultural num Mundo Diversificado.* Queluz: Mensagem-Serviço de Recursos Editoriais.
- SÁ, S. (2007). *Educação, Diversidade Linguística e Desenvolvimento Sustentável.* Dissertação de Mestrado. Aveiro: Universidade de Aveiro.
- SÁ, S. & ANDRADE, A. (2007). "Diversidade linguística e cultural: um pilar na educação para a cidadania". In PEDRO, A.; MARTINS, A.; & FERNADRES, C. (Coords.). *Actas do Congresso Educação e Democracia – representações sociais, práticas educativas e cidadania.* Aveiro: Universidade de Aveiro – Departamento de Ciências da Educação, pp: 398-404. ISBN: 978-972-789-240-2.
- SÁ, SUSANA & ANDRADE, A. (2008a). "Aprender a respeitar o Outro e o Planeta": potencialidades da educação para o desenvolvimento sustentável nos primeiros anos de escolaridade". In *Revista Iberoamericana de Ciencia, Tecnología y Sociedad (CTS)*, Nº 11, Julho de 2008 (disponível online in http://www.revistacts.net/4/11/numero_view).
- SÁ, S. & ANDRADE, A. (2008b). "Diversidade linguística e desenvolvimento sustentável: educar para viver com mais sabedoria uns com os Outros no Planeta e com o Planeta" in *Revista Saber & Educar*, nº 13 Porto: Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, pp. 249-260.
- SIM-SIM, I. (1999). *Desenvolvimento da linguagem.* Lisboa: Universidade Aberta.
- STRECHT-RIBEIRO, O. (2002). *Línguas estrangeiras para os mais novos articular o sistema, melhorar as praticas.* Educação & Comunicação, nº 7, pp. 210-219.
- TILBURY, D. & PODGER, D. (2004). *Uma década de Oportunidades.* SGI Quarterly, Outubro/Dezembro. In http://www.bsgi.org.br/publicacoes_quarterly_out_destaque_04.htm (consultado a 10 de Outubro de 2005).
- UNESCO (2004). *United Nations Decade of Education for Sustainable Development 2005-2014. Draft International Implementation Scheme.* UNESCO.
- ZAGAGOZA, F. (2001). *Un mundo nuevo.* Barcelona: Galáxia Gutemberg.